

Perigo de extinção

ÉRICA MONTENEGRO
DA EQUIPE DO CORREIO

Um pequenino rato de apenas 14cm, que carrega o nome do fundador de Brasília em sua denominação científica, serve para explicar o que está ocorrendo com a fauna do cerrado. Encontrado à época da construção de Brasília, o *Juscelinomys candango* nunca mais foi visto, apesar dos esforços feitos pelos pesquisadores. Estudo recente da Conservação Internacional, uma ONG ambientalista, mostra que 191 das 1.325 espécies de vertebrados descritas para o cerrado podem já ter desaparecido. Ou seja, a perda de biodiversidade na savana brasileira alcança 13% do patrimônio total de peixes, anfíbios, répteis, mamíferos e aves da região.

Para calcular o prejuízo à biodiversidade, o estudo da Conservação Internacional cruzou o número de espécies conhecidas que vivem no ecossistema com a área total desmatada. O método se baseia na teoria de biogeografia de ilhas, que determina uma relação matemática entre o tamanho de uma área e a riqueza natural que ela abriga. “Há uma relação previsível entre a área e a quantidade de espécies que nela ocorrem. Simplificando, quanto maior o espaço natural, maior o número de espécies”, explica Mário Barroso, gerente do programa Cerrado-Pantanal da ONG.

Segundo estudos feitos pelo Ministério do Meio Ambiente, quase metade da vegetação original de cerrado foi substituída por cidades, pastagens ou lavouras agrícolas. A perda de cerrado espalhada pelas 11 unidades da Federação chega a mais de 100 milhões de hectares, ou 173 vezes o tamanho do Distrito Federal. “O cerrado é um dos biomas mais pressionados pela ocupação, a destruição dele só perde para a da mata atlântica e a da caatinga”, afirma Fernando Lima, coordenador de projetos da Fundação Pró-Natureza (Funatura).

No DF, o percentual de devastação registrado é ainda maior, alcança 63% do território total (veja arte). “As cidades invadiram as terras rurais e hoje a ocupação vai até a fronteira das áreas protegidas”, comenta Fernando Lima. “A apropriação da terra se deu de maneira desordenada e ilegal, situação ainda mais prejudicial à natureza”, completa o ambientalista. Ele se refere às invasões de alta e baixa rendas que se intensificaram a partir do final dos anos 1990, como, por exemplo, os condomínios do Jardim Botânico, do Colorado ou a Estrutural e o Itapoã.

Endemismo
De acordo com as estimativas da Conservação Internacional, 14 anfíbios, 23 répteis, 108 aves e 24 mamíferos já teriam desaparecido do cerrado. O estudo não detalha quais são os animais que não resistiram à pressão humana, mas os pesquisadores acreditam que eles estão entre as espécies que já estavam ameaçadas de extinção. “Os animais que sumiram provavelmente estão entre os da lista de ameaçados. A fragilidade deles já estava anunciada”, afirma Mário Barroso.

No caso do ratinho que não é visto há 48 anos, a hipótese mais provável é que ele tenha ficado

BIODIVERSIDADE EM RISCO

Avanço das cidades e fazendas ameaça a sobrevivência das espécies do cerrado. Ecossistema é caracterizado por alto grau de endemismo.



OS AMEAÇADOS

GRUPO	ESPÉCIE	NOME POPULAR
Aves	<i>Alecturus tricolor</i>	galito
Aves	<i>Coryphaspiza melanotis</i>	tico-tico do campo
Aves	<i>Culicivora caudacuta</i>	maria do campo
Aves	<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	águia cinzenta
Aves	<i>Nothura minor</i>	codorninha buraque
Aves	<i>Taoniscus nanus</i>	inhambu carapé
Mamíferos	<i>Chrysocyon branchyurus</i>	lobo guará
Mamíferos	<i>Juscelinomys candango</i>	rato candango
Mamíferos	<i>Kunsia fronto</i>	rato do mato
Mamíferos	<i>Lonchophylla dekeyseri</i>	morceguinho do cerrado
Mamíferos	<i>Priodontes maximus</i>	tatu canastra
Mamíferos	<i>Puma concolor</i>	onça parda
Mamíferos	<i>Tapirus terrestris</i>	anta
Peixes	<i>Simpsonichthys boitonei</i>	pirá-brasília
Peixes	<i>Simpsonichthys santanae</i>	sem nome popular

sem casa. “Possivelmente, os ambientes naturais em que ele vivia já não existem mais”, afirma Cristiano Nogueira, especialista em biodiversidade da Conservação Internacional. Por se tratar de uma espécie endêmica — encontrada apenas na região do DF —, a extinção dos ratos-candangos é quase certa. “As espécies endêmicas são as mais afetadas pelas mudanças no habitat. Elas são bastante especializadas, por isso sofrem muito com as alterações”, explica o especialista em biodiversidade.

Além do *Juscelinomys candango*, o DF tem outras duas espécies endêmicas que também correm

risco de extinção. São peixes: o *Simpsonichthys boitonei*, conhecido como pirá-brasília e o *Simpsonichthys santanae*, sem nome vulgar, mas já descrito pela ciência. O pirá-brasília sobrevive nos cursos de água que cortam a reserva ecológica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já o *Simpsonichthys santanae* foi encontrado na região do Córrego Santana, quase na divisa com Goiás, uma área que era de chácaras, mas vem sendo parcelada por loteamentos.

Outras 12 espécies que aparecem na lista das ameaçadas de extinção também correm perigo no DF. Considerado como um

dos animais símbolos da cidade, o lobo-guará (*Chrysocyon branchyurus*) é uma delas. Há lobos-guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas e no Parque Nacional de Brasília, mas, como a pressão urbana sobre essas unidades aumentou nos últimos anos, os especialistas acreditam que a população brasiliense do mamífero está diminuindo. “Os lobos-guará estão sofrendo concorrência até de cães domésticos”, informa Mário Barroso. Também têm sido vítimas de atropelamentos, pois o fluxo de veículos é intenso nas rodovias que passam em frente às áreas protegidas.